

Subsídios para a gênese da imprensa musical brasileira e para a história do *Hino da Independência*, de Dom Pedro I

Lino de Almeida Cardoso (UNESP, São Paulo, SP)
linodealmeida@terra.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivos rever, mediante análise bibliográfica e de fontes primárias, a história de um de nossos símbolos musicais pátrios, o *Hino da Independência*, de Dom Pedro I, bem como trazer novos subsídios para o estudo da gênese da imprensa musical brasileira. Tem, igualmente, por escopo divulgar peculiaridades de uma antiga e pouco conhecida partitura desse hino, já não mais presentes em modernas edições de tal composição.

Palavras-chave: Dom Pedro I; música do século XIX; imprensa musical; hinos.

Subsidies for the Brazilian musical press genesis and the history of the *Independence Hymn*, by Dom Pedro I

Abstract: This article aims at reviewing, through bibliographical and primary sources analysis, the history of one of Brazil's national anthems, the *Independence Hymn*, by Dom Pedro I, as well as bringing new subsidies for the study of the Brazilian musical press origins. It also intends to reveal some peculiarities of an early and lesser known piano and voice score of the *Hymn*, not present in today's editions of this composition.

Keywords: Dom Pedro I; nineteenth-century music; musical press; hymns.

1 – Introdução

Há pouco mais de quarenta anos, em sua próspera pesquisa *Francisco Manuel da Silva e seu tempo*, Ayres de ANDRADE (1967, v.1, p.143-158) reuniu, possivelmente, a maior quantidade de informações até hoje coligidas a respeito de uma história, que, no entanto, ainda obscura, apenas circunda o surgimento do *Hino da Independência*, de Dom Pedro I, e sua posterior fixação no repertório de composições musicais pátrias do Brasil. Entre seus mais significativos achados, o referido autor recuperou a seguinte notícia, publicada a 13 de dezembro de 1824, no *Diário mercantil*, do Rio de Janeiro:

Sairam à luz o Hino imperial e constitucional, e o Hino brasílico-imperial, sendo aquele composto por S. M. o Imperador: ambos com cantoria e música para pianoforte: recentemente gravados nesta corte. Vendem-se no armazém de instrumentos e música de Ferguson e Crockatt, cada um por 320 réis (*apud* ANDRADE, 1967, v.1, p.155).

Tal pequena e preciosa nota não apenas nos aduz o que, até o momento, se admite ser a mais remota informação a respeito da existência de imprensa musical no Brasil¹. Ela nos faz conhecer, também, qual teria sido o primitivo título do *Hino da Independência*, composto pelo nosso primeiro Imperador. Ora, tal fato, até então apenas conjecturado por Andrade com base na notícia supramencionada,

vem a ser aqui decisivamente comprovado com o somar documental de uma partitura impressa, a qual, se não era propriamente desconhecida, até hoje, ao que tudo indica, jamais foi esquadrinhada².

Antes, porém, de tratarmos dela, cumpre ressaltar que, das raras solfas oitocentistas conhecidas do *Hino da Independência*, todas, exceto esta, já apresentam, em seus frontispícios, o título que o próprio uso tornaria comum. Caso, mesmo, do manuscrito, dito "do próprio punho" de Dom Pedro I, tombado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), desde 1861, quando o maestro Francisco Manuel da Silva o doou a esta instituição³; ou do mais antigo impresso carioca dessa obra, do qual conhecemos exemplar, o *Hino da Independência do Brasil: reduzido da partitura original para piano por Francisco Manuel da Silva*, publicado pela Imperial Imprensa de Música de Filippone & Tornaghi, em 1862, por ocasião da inauguração, no Rio de Janeiro, da estátua equestre de Dom Pedro I⁴.

É, pois, dos apêndices de uma publicação londrina de 1830 — a não estranha *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, do reverendo irlandês Robert Walsh — que vem à tona uma razoavelmente bem cuidada⁵ edição de

tal *Hino imperial e constitucional*. Composto por S. M. I. o Senhor Dom Pedro 1º. Nela, já, em um primeiro golpe de vista, podemos identificar, apesar de algumas interessantes singularidades, o nosso velho e conhecido *Hino da Independência*⁶. Eis, em apenas duas páginas, a peça impressa, tal como também era – segundo o *Diário mercantil* – a sua edição original, de 1824: “com cantoria e música para pianoforte” (Ex.1).

2 – A gênese da Imprensa musical brasileira

Discorrendo, inicialmente, sobre a questão da gênese da imprensa musical brasileira, ressaltamos que tal partitura livresca, embora publicada em edição estrangeira, é dos mais antigos produtos de indústria gráfica hoje remanescentes, relativos a obra musical oriunda do Brasil⁷. Na Biblioteca Nacional (RJ), onde se acha um dos maiores acervos de partituras impressas no Rio de Janeiro, a mais antiga remonta apenas ao ano de 1833⁸, sendo mesmo raras as notícias⁹ que denunciem a impressão, na capital do Império, de obras anteriores ao estabelecimento, em janeiro de 1835 – como adiante constata o *Jornal do comércio* –, da “Imprensa de música” de Pierre Laforge¹⁰:

MARCHA FÚNEBRE, composta em Lisboa na ocasião do funeral de S. M. I. o Duque de Bragança, e reimpressa nesta corte com muita nitidez, acha-se à venda na casa de Seignot-Plancher e Comp. Esta peça faz-se recomendável ao público tanto por seu nobre e saudoso objeto, como por ser o primeiro ensaio de um novo ramo de indústria no Brasil, qual a música aberta em chapas de cobre com tanta perfeição e nitidez, que em nada se diferencia da que

nos vem da Europa. Mr. P. Laforge, a quem devemos a impressão desta excelente peça, incumbe-se de abrir com prontidão e corretamente toda a música que se lhe confiar. Dirigir-se à rua do Ouvidor, n. 154 (JORNAL DO COMÉRCIO, 10/01/1835).

Note-se aí o destaque que o diário dá ao “primeiro ensaio de um novo ramo de indústria no Brasil”: a impressão de música. Das partituras dadas à estampa por Laforge, a partir do segundo lustro da década de 1830, restaram diversos exemplares. A Biblioteca Nacional, por exemplo, possui mais de meia centena de avulsos, dentre os quais, *v. g.*, a modinha *Quando as glórias que gozei*, de Cândido Inácio da Silva¹¹, a qual, em 1837, integrava uma diminuta lista de criações brasileiras constantes do imenso *Catálogo* da Biblioteca Musical de J. C. Muller e H. E. Heinen, publicado nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, pela Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C.¹² Na Biblioteca José de Alencar, da Faculdade de Letras da UFRJ, existe um raríssimo álbum, com o qual pretendemos trabalhar proximamente, a *Coleção de 30 modinhas brasileiras, com acompanhamento de piano de vários autores*¹³. Já, na Biblioteca do Museu Imperial de Petrópolis, localizamos um único exemplar de música instrumental, a valsa *Rosita*, para piano, de autoria anônima, publicada por Laforge, segundo o *Jornal do comércio*, em 1840¹⁴. Enfim, quando estiver plenamente organizada, a Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ talvez ainda nos dê muitas outras preciosas informações sobre o assunto¹⁵.

Ex.1 – Fac-símile da edição do *Hino imperial e constitucional*, de Dom Pedro I, encontrada em WALSH (1830, v.2, p.533-534).

3 – A história do *Hino da Independência*, de Dom Pedro I

Antes de entrarmos em aspectos puramente musicais que esta edição inglesa do *Hino da Independência*, de Dom Pedro I, nos apresentará, lancemos nosso olhar a certas questões históricas ainda nebulosas que circundam tal composição. Ayres de ANDRADE (1967), como dissemos, publicou um dos mais prolíficos estudos sobre o assunto, reunindo importante documentação. Tal pesquisador, no entanto, confessou não ter podido apresentar conclusões cabais sobre a análise do seu *corpus* – sobretudo quanto à época da criação do hino –, dadas as contradições que certas fontes faziam sentir sobre outras:

... o autor deste trabalho confessa que não encontrou a tão almejada solução para esse verdadeiro quebra-cabeças, por mais que a procurasse nos velhos arquivos por onde andou catando dados sobre o passado musical do Rio de Janeiro (ANDRADE, 1967, v.1, p.147).

Curiosamente, se nossa pesquisa atual, trazendo quantidade significativa de novos dados a respeito dessa obra, corrobora a hipótese de que o hino surgiu mesmo em 1824 – e não em 1822, logo após o “Grito do Ipiranga”, como muito já se repetiu¹⁶ –, confunde ainda mais outro momento histórico de tal composição: o seu suposto “esquecimento”. Vamos aos fatos e a uma nova análise sobre o assunto.

Primeiro, discorramos, lesto, sobre a origem dos versos do *Hino da Independência*. De acordo com um manuscrito autógrafa, guardado desde 1862 pelo IHGB, em seu fundo principal, a data de feitura das onze quadras que compõem esse engenhoso poema – intitulado *Hino constitucional brasileiro* – é 16 de agosto de 1822¹⁷. Como os próprios versos indicam, o publicista Evaristo Ferreira da Veiga os criou inspirado na sequência de acontecimentos, protagonizados pelo Príncipe Regente – tais como o “Fico” e a expulsão das tropas portuguesas –, que culminaram com a convocação da Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Reino do Brasil, a 3 de junho de 1822.

Já, quanto à origem da composição de Dom Pedro I sobre tais versos, a história ainda é e talvez o será, para sempre, incerta. ANDRADE (v.1, p.143-144) nos relembra, inicialmente, um depoimento de Francisco de Castro Canto e Melo – irmão da Marquesa de Santos –, publicado no *Diário mercantil* do Rio de Janeiro, em 1865. Tal testemunha ocular do “Grito” nos faz crer, a princípio, que o assim por ele denominado “*Hino da Independência*”, de Dom Pedro I, teria sido executado na noite do dia 7 de setembro de 1822, na Casa da Ópera de São Paulo. No entanto, adendos à própria *Memória* de Canto e Melo – não mencionados por Andrade e publicados, anos mais tarde, na *Revista do IHGB* (1878, v.41, parte 2, p.343-347) – desdizem tal informação, dando-nos conta de que o hino de Dom Pedro, cantado no teatro paulistano, na noite do “Grito”, foi, na verdade, o *Hino constitucional*, composto em 1821¹⁸. Os versos de Evaristo da Veiga teriam também sido ouvidos naquela ocasião, apenas recitados, ou, ainda,

quem sabe, arranjados sobre esta já conhecida música do Príncipe Regente. De fato, tal poesia teria sido cantada nas ruas de São Paulo, pouco mais de vinte dias após o Sete de Setembro. Conforme correspondência jornalística, divulgada a 15 de outubro de 1822, pelo *Correio do Rio de Janeiro*, sobre fato ocorrido no dia 1º do mesmo mês:

... uma luzida companhia, composta em parte dos mais qualificados habitantes desta cidade [de São Paulo], saiu pelas ruas ao som de acordes instrumentos, cantando o Hino constitucional brasileiro, vindo desta mesma corte, cujo estribilho assim começa – Brava gente brasileira... (apud ANDRADE, 1967, v.1, p.148-149)

Nada se sabe, no entanto, sobre a proveniência da música cantada, transformando em melodia esta já popular letra, oriunda – como informa o *Correio* – da “corte”. Seria, porventura, esta melodia, a composição de Dom Pedro I, mais tarde conhecida como *Hino da Independência*? Possível, mas improvável. Sabe-se, apenas, que, a 12 de outubro de 1822, no Rio de Janeiro, durante o espetáculo de gala ocorrido no Teatro de São João, por ocasião da solene Aclamação de Dom Pedro como primeiro Imperador do Brasil, um “novo hino”, composto sobre os versos de Evaristo da Veiga, teria sido ouvido. Porém, não era este de autoria do recém-proclamado monarca:

... cantaram de três camarotes contíguos, da ordem nobre, vários cidadãos conspícuos um novo hino nacional, que transcrevemos abaixo e cuja música foi composta pelo bem conhecido e insigne compositor Marcos Portugal (apud ANDRADE, 1967, v.1, p.152).

A transcrição da letra, realizada pelo *Correio do Rio de Janeiro*, não deixa dúvidas quanto ao uso do “Brava gente brasileira” de Evaristo; ou seja, um hino, não de Dom Pedro, mas de Marcos Portugal, teria sido composto sobre algumas das consagradas quadras do poeta carioca e executado naquele 12 de outubro de 1822, talvez em primeira audição, por ter sido ele cantado no teatro repleto, apenas por um pequeno grupo da elite palaciana, ocupantes de “três” camarotes da “ordem nobre”.

Tal existência de um hino de Marcos Portugal sobre a letra de Evaristo da Veiga parece, pois, por si só, enterrar, de uma vez por todas, a ideia de que o *Hino da Independência*, de Dom Pedro, teria surgido antes, ainda que de forma improvisada. Afinal, por que concorreria o “bem conhecido e insigne” compositor lisboeta com seu aluno, patrão, protetor e agora Imperador? É, pois, de se imaginar, com certa lógica, que o hino de Marcos tenha surgido a mando do próprio Dom Pedro para as solenidades da Aclamação.

Corrobora a opinião de que esse hino seria o primeiro, feito especialmente sobre os versos de Evaristo, a existência de uma “nova edição” da dita obra – não da época, mas já da década de 1880 –, denominada: *Hino da Independência do Brasil. Único cantado nas primeiras festas públicas que tiveram lugar depois do Grito do Ipiranga, a 7 de setembro de 1822*¹⁹. Não bastasse o adjetivo que inicia o subtítulo, tal exemplar ainda nos fornece a seguinte “notícia histórica” anônima:

A música *atribuída* a Pedro I só apareceu posteriormente à de Marcos Portugal e às primeiras festas da nossa Independência (...) foi também (...) cantada oficialmente, mas, posteriormente, como ficou dito. A música de Marcos Portugal tem, portanto, *precedência histórica* (...) Este é que é o Hino verdadeiro da Independência do Brasil...

Cantado "posteriormente" ao hino de Marcos, quando surgiria, então, o *Hino da Independência*, de Dom Pedro I? Seria, pois, necessário algum tempo, talvez mais de um ano, para que o Imperador tivesse tido a oportunidade de, ele sim, lançar um desafio ao seu velho mestre de música, dando à luz o próprio hino sobre os mesmos populares versos de Evaristo da Veiga.

Comprovadamente, este fato ocorreria apenas a 13 de dezembro de 1824, quando o *Diário mercantil* publica a já referida notícia do surgimento do *Hino imperial e constitucional*, "composto por S. M. o Imperador", título este sacramentado como primeira denominação do *Hino da Independência*, de Dom Pedro I, não apenas pela partitura inglesa, aqui já mencionada, como, também, por uma nota de jornal, publicada, em 1832, na Alemanha (Leipzig)²⁰.

Avancemos, pois, agora, alguns anos no tempo, mais precisamente uma década da provável criação do hino – 1834 –, quando, por ocasião da morte de Dom Pedro I, em Portugal, reavivou-se, no Rio de Janeiro, a memória do "ex-Imperador do Brasil", compositor do "Hino nacional":

Em 12 do corrente, na Igreja de N. S. do Parto, a Irmandade de S. Cecília dos Professores de Música cumpriu o anual dever da comemoração do óbito de seus falecidos irmãos com solene ofício de defuntos e sacrificio e missa cantada, e esplêndida orquestra. Ainda que pareça casualidade inconsiderável, contudo, excitou viva reminiscência do protetor dessa instituição pia, o ex-Imperador do Brasil, D. Pedro I, por ser em dia imediato ao do nojo e encerramento de seu augusto filho, o Senhor Dom Pedro II, pela notícia do falecimento de um pai, que deixou à Capela Imperial memorial de sua perícia na angélica arte e ciência da harmonia pela composição do cântico *Te Deum* e da música do Hino nacional (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 15/12/1834).

Informação nova é esta de que o "Já podeis", do ex-Imperador, ainda tivesse foros de "Hino nacional", em pleno período regencial. Mais curiosos são, ainda, os diversos e pouco conhecidos depoimentos que, em tempos posteriores — alguns dos quais já rompendo a segunda metade do Século XIX —, dão a mesmíssima condição ao *Hino imperial e constitucional*, de Dom Pedro I.

O primeiro testemunho em questão é de Daniel Kidder (1815-1891), referente a uma excursão por ele realizada nos arredores do Rio de Janeiro entre 1837 e 1838, portanto talvez já durante o governo regencial de Araújo Lima. Conta-nos este reverendo norte-americano, reproduzindo a primeira quadra e o estribilho da célebre poesia de Evaristo da Veiga, ter, nesta ocasião, "entre outras canções patrióticas", ouvido "o Hino nacional, geralmente atribuído a Dom Pedro I" (KIDDER, 1845, v.1, p.191)²¹. Tal informação, se procedente, conflita-se diametralmente com outras, já da década de 1860 e colecionadas por Ayres de Andrade, as quais nos dão conta de que o hino de Dom Pedro I sobre

os versos de Evaristo teria sido "esquecido" logo após a Abdicação (1831) e voltado à tona somente pela época da inauguração da estátua equestre do nosso primeiro Imperador, em 1862. A esse respeito, escreveu ANDRADE (v.1, p.156): "Aí está a realidade, clara, insofismável. Trinta e dois anos depois, o hino de D. Pedro havia sido esquecido; o de Marcos Portugal, no entanto, continuava a ser o *Hino da Independência*"²².

Tentando desatar esse nó górdio, poderíamos aventar a hipótese de que o hino mencionado por Kidder não fosse o de Dom Pedro, mas o de Marcos Portugal. Tal conjectura muito se sustentaria se, no entanto, Kidder não tivesse chamado tal "já podeis" de "Hino nacional" e se vários outros depoimentos não insistissem, ao longo de toda a primeira metade do século XIX, na mesma direção, isto é, mencionando Dom Pedro como autor de um hino "nacional", que não pode ser outro, senão o *Hino imperial e constitucional*.

Colijamos, pois, inicialmente, três textos franceses. Primeiro, o depoimento de Alfred Demersay, que esteve, em 1845, no Rio de Janeiro, pela época do batizado do Príncipe Imperial, Dom Afonso, e ouviu a orquestra de escravos músicos de Dom Pedro II executar o "Hino nacional", composição de seu antigo "mestre", Dom Pedro I.

Estes músicos são escravos. Dom Pedro I, compositor distinto, desenvolveu sem esforço sua inteligência musical. Raramente, dizem, sua batuta de maestro desviava de suas atribuições para lhes fazer sentir melhor o intervalo que separa o sustenido do bemol (...) Eles tocam o Hino nacional, obra de seu mestre, de modo a fazer honra à sua reputação de eminente artista (DEMERSAY, 1860, t.1, p.xxxii)²³.

Citemos agora M. Charles Reybaud (1801-1864), que relata, já em 1856, a mesma autoria da "muito popular música" do "hino nacional" (REYBAUD, 1856, p.78)²⁴. Enfim, relembremos um trecho do polêmico livro de Charles Expilly, *Le Brésil tel qu'il est*, referente à estada, na década de 1850, desse aventureiro no Império. Em dado momento de sua romanesca descrição, tal autor cria, para uma de suas personagens, a seguinte fala: "... Eu vou tocar para você o hino nacional composto por Sua Majestade Dom Pedro primeiro" (EXPILLY, 1863, p.136)²⁵.

Em todos os casos, o "hino nacional" referido, sempre de autoria de nosso primeiro Imperador, não pode ser, como já afirmamos, outra obra senão o *Hino imperial e constitucional*, visto que, o também popular *Hino constitucional*, de 1821, já era consagrado, a esse tempo, como hino português. A esse respeito, inclusive, publicando artigo na célebre revista *Niterói*, Manuel de Araújo Porto Alegre relembra o fato de o "fundador do Império do Brasil" ter composto hinos, "que inda hoje se cantam" (PORTO ALEGRE, 1836, t.1, n.1, p.172). Ou seja, utilizando o plural, este autor lembrou-se, certamente, do *constitucional* e do *imperial e constitucional*, ambos, então, ainda cantados em meados da década de 1830, não tendo, pois, este último, sido "proibido", como sugeriu ANDRADE (v.1, p.158), após a Abdicação.

Não bastassem tais testemunhos, lembremos ainda mais três outros depoimentos estrangeiros referentes a essa questão. Inicialmente, o de Ida Pfeiffer (1797-1858), que, de passagem pelo Rio, em 1846, assistiu às comemorações do aniversário de Dom Pedro II, no Largo do Paço, hoje Praça XV. Segundo essa viajante austríaca, naquela ocasião, "bandas tocaram uma série de amáveis melodias, repetindo frequentemente o Hino nacional, que, dizem, o último Imperador, Pedro I compôs" (PFEIFFER, 1850, v.1, p.44)²⁶. Exatos quatro anos depois – durante as comemorações do 25º natalício de Dom Pedro II –, o norte-americano Charles Stewart (1795-1870) testemunhou também ter ouvido, pelas ruas do Rio de Janeiro, como "melodia nacional", o "já podeis...", de Dom Pedro I (STEWART, 1856, p.152)²⁷. Enfim, que hino seria o "*Brava gente brasileiros (sic)*, uma bela peça de música marcial"²⁸ que nos registra ter ouvido, em 1852, o Vice-Cônsul britânico na Bahia, James WETHERELL (1860, p.59), chamando-o, igualmente, de "Hino nacional"? Só pode ser, mais uma vez, o de Dom Pedro I.

Finalizando, recuperemos agora dois outros testemunhos, desta vez de brasileiros. O primeiro, pouco conclusivo, relata apenas que, durante as festividades de comemoração da Sagração e Coroação de Dom Pedro II, ocorridas no dia 18 de julho de 1841, "as tropas estavam em continência tocando o Hino da Independência, cujas recordações tornavam o ato mais solene" (ABREU E LIMA, 1843, t.1, p.176). Bem, este, não sendo qualificado de "Hino nacional", mas de "Hino da Independência", poderia até, quem sabe, ser a música de Marcos Portugal. A resposta, no entanto, pendente mais uma vez para a composição de Dom Pedro I, parece conter-se no texto seguinte, escrito, em 1862, por Luís Francisco da Veiga, quando este doou ao acervo do IHGB, uma série de manuscritos de seu tio, Evaristo:

Tenho a honra de oferecer ao Instituto (...) seis autógrafos do finado Sr. Evaristo Ferreira da Veiga, os quais são seis hinos que o mesmo cidadão compôs por ocasião da Independência, figurando entre eles o conhecido hino "Brava gente brasileira" que com a música do Sr. D. Pedro I é recebido geralmente como o Hino nacional da Independência (sendo como tal cantado nas festividades publicas, que comemoram a nossa emancipação)²⁹.

Enfim, eis – apesar da enorme confusão que dois hinos de autoria de uma mesma pessoa e dois hinos com a mesma letra possam gerar – uma série de informações históricas que apontam não apenas para a conclusão de que o hino de Dom Pedro I tenha efetivamente atravessado o Século XIX coexistindo com outras

melodias nacionais, como de que o "já podeis" de Marcos Portugal é que teria sido esquecido – como, de fato, o foi, definitivamente, no século XX –, até por ter, aos ouvidos do cidadão comum, uma melodia menos fácil de ser cantada do que a do hino de Dom Pedro I, sempre popular, até os dias de hoje, sobretudo após ter ela sofrido, ao longo do tempo, algumas modificações que a tornaram ainda mais simples.

4 – O Hino imperial e constitucional, de Dom Pedro I: algumas peculiaridades

Avancemos, pois, finalmente, para uma análise comparativa entre o documento musical encontrado na primeira edição do trabalho do reverendo irlandês Robert Walsh e aquilo que atualmente se preconiza, nas edições modernas de tal composição pátria. Ali, como dissemos, basta um rápido correr de olhos para que identifiquemos, claramente, a tão conhecida música do *Hino da Independência*, de Dom Pedro I. Um certo número de peculiaridades, no entanto, nos faz notar que tal impressão inglesa seja, de todas as partituras hoje conhecidas dessa obra, a sua mais original versão, cópia fiel, talvez, da edição príncipe, comercializada por Ferguson e Crockatt, em 1824.

Apenas quanto aos seus aspectos não musicais, recordemos, inicialmente, o fato de ser esta a única partitura hoje conhecida a trazer o título exatamente igual ao mencionado pela nota do *Diário mercantil*, do Rio de Janeiro, de 13 de dezembro de 1824, relativa à primeira publicação da obra. Note-se, também, em relação ao texto empregado na música, que as repetições dos versos finais – como "Já raiou a liberdade, já raiou a liberdade, no horizonte do Brasil" – aparecem de forma bastante diversa daquilo que há muito já se pratica. Neste trecho da primeira estrofe, por exemplo, repete-se apenas o verso "no horizonte do Brasil", da seguinte forma: "No horizonte do Brasil, no horizonte, no horizonte do Brasil"³⁰.

Por sua vez, são várias as peculiaridades musicais desta partitura que, ao longo do tempo, possivelmente para facilitar a execução popular do hino, acabaram substituídas por passagens menos complexas. Vejamos, logo de início, na introdução instrumental (c.5-7), figuração de notável riqueza rítmica, com uso de semicolcheias, colcheias pontuadas, fusas e colcheias em **em** staccatissimo (Ex.2), substituídas pelo já tradicional uso de, apenas, colcheias e semicolcheias (Ex.3).



Ex.2 – Escrita original no início (c.5-7) do *Hino imperial e constitucional* (WALSH, 1830).



Ex.3 – Simplificações no início (c.5-7) do *Hino da Independência* (VITALE, 2002).

Mais à frente, antes de notarmos outra novidade musical, perceba-se, logo no primeiro verso do canto, outra alteração no texto cantado, que corresponde, na verdade, àquilo que originalmente Evaristo da Veiga concebeu, de acordo com seus já citados manuscritos. O verso inicial é "Já podeis filhos da pátria" e não "Já podeis da pátria filhos", como há muito se pratica, tentando-se corrigir, até, porventura, uma silabada que, inevitavelmente, ocorre na palavra "filhos", ao recair, o terceiro tempo semiforte do compasso quaternário, na sílaba átona "lhos". Mais do que isso, a melodia deste trecho, após a quádrupla repetição da tônica (Mi bemol) em semínimas (c.10), evolui, antes de retornar à mesma tônica, para o quinto grau (Si bemol),

mediante um grupeto em semifusas (c.11; Ex.4), em vez desta notável alteração simplificadora, hoje apregoada (VITALE, 2002) e que desde meados do século XIX já era praticada; isto é, um simples conjunto de quatro colcheias, sendo a mais aguda delas, a mediante (Sol), alcançada por graus conjuntos³² (Ex.5).

E por aí seguem as diferenças. No terceiro verso da primeira quadra, por exemplo, a melodia parece encontrar melhor solução silábica (Ex.6), evitando-se um espúrio melisma, que apareceu, posteriormente, já em meados dos Oitocentos, na palavra "raiou" (rai-o-ou) e que até hoje se conserva (Ex.7).



Ex.4 – Ornamento original no c.11 do *Hino imperial e constitucional* (WALSH, 1830).



Ex.5 – Simplificação no c.11 do *Hino da Independência* (VITALE, 2002).



Ex.6 – Solução silábica original (c.13-15) do *Hino imperial e constitucional* (WALSH, 1830).



Ex.7 – Alteração melismática (c.13-15) do *Hino da Independência* (VITALE, 2002).

Enfim, são muitas as diferenças encontradas nesta partitura para que tracemos aqui um estudo completo. Tomemos, apenas, como exemplo final desta perfunctória e meramente divulgadora análise, a dissimilitude que existe entre a melodia da primeira repetição dos versos finais do estribilho: "Ou ficar a pátria livre, / ou morrer pelo Brasil", cantada hoje³³, diga-se de passagem, mais facilmente,

com o largo uso de graus conjuntos, perfazendo, no final, de Mi_5 bemol a Mi_4 bemol – considerando-se $Dó_4$ o $Dó$ central do piano, uma perfeita escala maior descendente (Ex.8) e aquilo que se acha impresso na partitura de 1830, de fato, uma melodia muito mais complexa, com direito a tresquiálteras, apojeturas, pausas e um salto de sétima menor (Ex.9):

Ou fi - car a pá - tria li - vre, ou mor - rer pe - lo Bra - sil

Ex.8 – Simplificações rítmicas e intervalares do *Hino da Independência* (CORREA, 1982).

ou fi - car a pá - tria li - vre, ou mor - rer pe - lo Bra - sil

Ex.9 – Escrita original, no mesmo trecho, do *Hino imperial e constitucional* (WALSH, 1830).

Referências manuscritas

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, RIO DE JANEIRO. *Hino à Independência do Brasil posto em música para canto e grande orquestra por S. M. I. o Senhor D. Pedro 1º* (Coleção IHGB: DL987.008).

Referências impressas

ABREU E LIMA, José Ignácio de. *Compêndio da história do Brasil*. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1843. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v.33, 1911.

ANDRADE, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo. 1808-1865. Uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

BLÄTTER FÜR LITERARISCHE UNTERHALTUNG. Leipzig.

BULLETIN de la Société agricole, scientifique et littéraire des Pyrénées-orientales. Perpignan: Imprimerie de J.Comet, v.10, 1856.

CORREA, Avelino A. *Hinos e canções do Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.

DEMERSAY, Alfred. *Histoire physique, économique et politique du Paraguay et des établissements des Jésuites*. Paris: L. Hachette et Cie., 1860.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro.

HINOS pátrios: piano e canto. São Paulo: Irmãos Vitale, 2002.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro.

KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of residence and travels in Brazil: embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces*. Philadelphia: Sorin & Ball; London: Wiley & Putnam, 1845.

KINSEY, William Morgan. *Portugal Illustrated; in a series of letters*. London: Treuttel, Würtz, and Richter, 1828.

LANGE, Francisco Curt. A música erudita na Regência e no Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1985.

LEAL, João Francisco. *Coleção de modinhas de bom-gosto*. Viena, 1830.

_____. *Deus! Salve a Pedro!...* Rio de Janeiro: Pierre Laforge, s.d.

- MARCHAL, P. A. *Jornal de Modinhas com acompanhamento de cravo*. Lisboa: Na Real Fábrica e Armazém de Música, 1793.
- MARCONDES, Marcos Antônio (ed.) *Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular*. São Paulo: Art Editora, 1977.
- MAZZIOTTI, João et alii. *Coleção de 30 modinhas brasileiras, com acompanhamento de piano de vários autores*. Rio de Janeiro: Pierre Laforge, s.d.
- MELO, Francisco de Castro Canto e. Memória sobre a declaração da Independência, escrita pelo major Francisco de Castro Canto e Melo, Gentil-homem da Imperial Câmara, Comendador da Ordem de Cristo, Oficial da do Cruzeiro e Cavaleiro da de Avis, etc. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, v.41, parte 2, 1878.
- MÜLLER, J. C.; HEINEN, H. E. *Catálogo da Biblioteca Musical*. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C.^{ia}, 1837.
- MÚSICA no Rio de Janeiro imperial*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1962.
- PEDRO I, Dom. *Constitutionelle Hymne für eine Singstimme mit Begleitung des Piano-Forte von Ihm selbst gedichtet und componirt; und ins Deutsche übersetzt von W. Gerhard*. München, s.d.
- _____. *Constitutions Hymne, gedichtet und componirt von Don Pedro I, Kaiser von Brasilien*. Hamburg, s.d.
- _____. *Hino da Independência do Brasil composto por S. M. I. o Sr. D. Pedro I. Transcrição oferecida à Gazeta Musical*. Rio de Janeiro: Sampaio Araújo & C.^{ia}, s.d.
- _____. *Hino da Independência do Brasil: reduzido da partitura original para piano por Francisco Manuel da Silva*. Rio de Janeiro: Filippone & Tornaghi, 1862.
- PFEIFFER, Ida. *Eine Frauenfahrt um die Welt. Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahuiti, China, Ost-Indien, Persien und Kleinasten*. Wien: Carl Gerold, 1850.
- PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. Ideias sobre música. *Niterói, revista brasiliense. Ciências, letras e artes*. Paris: Dauvin et Fontaine, t.1, n.1, 1836.
- PORTUGAL, Marcos. *Hino da Independência do Brasil. Único cantado nas primeiras festas públicas que tiveram lugar depois do Grito do Ipiranga, a 7 de setembro de 1822*. Rio de Janeiro: Bushmann & Guimarães, s.d.
- REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v.25, 1862.
- REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v.40, parte 2, 1877.
- REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, t.25, 1862.
- REYBAUD, Charles, *Le Brésil*. Paris: Guillaumin et C.^{ie}, 1856.
- SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I., Königs von Bayern in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben von Joh. Bapt. von Spix; und Carl Friedr. Phil. von Martius*. München: M. Lindauer, 1823.
- STEVENSON, Robert. *Renaissance and Baroque Musical Sources in the Americas*. Washington: General Secretariat, Organization of American States, 1970.
- STEWART, Charles Samuel. *Brazil and La Plata: the personal record of a cruise*. New York: G. P. Putnam, 1856.
- UMA saudade para sempre: de Sua Alteza Imperial a Sereníssima Senhora Princesa D. Paula Mariana: composta para pianoforte por um criado da casa imperial*. Rio de Janeiro, Lit. da Arq. Militar, s.d.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil, isto é do seu descobrimento, colonização, legislação, desenvolvimento, e da declaração da independência e do império, escrita em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda, e dedicada a Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II*. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1857.
- WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. London: F. Westley and A. H. Davis, 1830.
- WETHERELL, James. *Brazil. Stray notes from Bahia: being extracts from letters, &c., during a residence of fifteen years*. Liverpool: Weeb and Hunt, 1860.
- ZWÖLF *brasilianische volkslieder*. Hamburg: B. Wolff, 1820.

Notas

- 1 A mais completa referência a este assunto ainda é o artigo "Impressão musical no Brasil", de Mercedes dos Reis Pequeno, escrito para a *Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular*, editada por Marcos Antônio MARCONDES (1977, v.2, p.352-363).
- 2 Este *Hino imperial e constitucional*, publicado por Walsh, já se acha ao menos citado em publicações anteriores como a mais antiga edição do *Hino da Independência*, de Dom Pedro I. Caso, por exemplo, do catálogo *MÚSICA no Rio de Janeiro imperial* (1962, p.85) ou da obra de Robert STEVENSON, *Renaissance and Baroque Musical Sources in the Americas* (1970, p.291).
- 3 Esta partitura manuscrita, intitulada *Hino à Independência do Brasil posto em música para canto e grande orquestra por S. M. I. o Senhor D. Pedro 1º*, ainda se acha guardada nos arquivos do IHGB (Coleção IHGB) sob a notação de tombo: DL987.008. Quanto ao fato de ser "do próprio punho" de Dom Pedro I, embora este seja o testemunho do maestro Francisco Manuel da Silva, dado à *REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1861, v.24, p.758), não conhecemos estudo que tenha comparado outros prováveis manuscritos musicais da pena do Imperador com este documento em questão, de modo a avaliar sua autenticidade como autógrafo. Ao analisarmos o documento, um detalhe, pelo menos, nos chamou a atenção: os dizeres da página de rosto não têm características caligráficas semelhantes aos da partitura.

- 4 BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro. Divisão de Música e Arquivo Sonoro, Império, F-III-41. Trata-se, como o próprio título já indica, de uma transcrição para piano, realizada por Francisco Manuel da Silva, baseada na "partitura original", doada ao IHGB pelo mesmo maestro (*vide nota anterior*). Apesar de não datada, sua publicação ocorreu, muito provavelmente, em 1862, visto que sua bela capa litografada traz impressa uma imagem comemorativa da "inauguração da estátua equestre do Imperador Dom Pedro I", fato ocorrido a 25 de março daquele ano.
- 5 Apesar de bem impressa, há aí algumas notáveis omissões: no compasso 11, falta um bemol no segundo Mi do canto, indicando o retorno à armadura após um Mi bequadro; no compasso 20, faltam, não apenas indicações de tresquiálteras (isso também ocorre nos compassos 32 e 40), como bequadros nos Lá's executados pela mão direita do piano; enfim, no compasso 30, falta uma pausa de colcheia depois do Si bemol do canto.
- 6 Note-se que Walsh, curiosamente, reproduz tal preciosa edição do *Hino imperial e constitucional*, sob o pretexto de ilustrar fatos ocorridos no Real Teatro de São João após o "Fico" (09/01/1822), quando teria, então, sido "pela primeira vez tocado e cantado" o "celebrado Hino nacional": "This declaration [do "Fico"] was received with huzzas (...) A brilliant opera, as usual, succeeded, and the prince and princess appeared full dressed in their box (...) and it was on this evening, I believe, that the celebrated national hymn was for the first time played and sung" (WALSH, 1830, v.1, p.207). Porém, na verdade, o hino executado, não apenas nesta, mas em outras ocasiões anteriores deve ter sido o já deveras popular *Hino constitucional*, com letra e música de Dom Pedro, composto ainda em 1821, mais precisamente a 31 de março deste ano.
- 7 Juntem-se a ela: as anônimas "modas brasileiras" (n.11 e n.15), impressas em Lisboa por Marchal & Milcent, em 1793; os *Zwölf Brasilianische Volkslieder*, publicados por B. Wolff e J. H. Clasing, em Hamburgo, 1820; os *Brasilianische Volkslieder* recolhidos por Spix e Martius e editados em Munique como suplemento à obra *Reise in Brasilien*, em 1823; a *Coleção de modinhas de bom-gosto*, de João Francisco Leal, impressa em Viena no ano de 1830; e, enfim, algumas edições do já referido *Hino constitucional* de Dom Pedro I — posteriormente *Hino da Carta Constitucional* e *Hino nacional português* —, composto no Rio de Janeiro, em 1821. Desta última obra, encontramos uma edição livresca inglesa (KINSEY, 1828), intitulada "Portuguese Hymn". Tampouco nos passou despercebida a existência de duas outras impressões, alemãs (Hamburgo e Munique), quicá publicadas ainda durante o primeiro reinado: a primeira com o título *Constitutions Hymne, gedichtet und componirt von Don Pedro I, Kaiser von Brasilien* (localizada na *Österreichische Nationalbibliothek*, de Viena); e a segunda, tombada na *Bayerische Staatsbibliothek*, de Munique, denominada *Hino constitucional do Sereníssimo P^{tes} R.^{al} o S.^r D. Pedro de Alcântara* (edição bilingue, também intitulada *Don Pedro's, Kaisers von Brasilien & c., Constitutionelle Hymne für eine Singstimme mit Begleitung des Piano-Forte von Ihm selbst gedichtet und componirt; und ins Deutsche übersetzt von W. Gerhard*).
- 8 Trata-se da peça *Uma saudade para sempre: de Sua Alteza Imperial a Sereníssima Senhora Princesa D. Paula Mariana: composta para pianoforte por um criado da casa imperial* (BN, MAS, Império, DG-I-29), que se cogita ter sido gravada em 1833, pela ocorrência, em janeiro deste ano, do falecimento da dita Princesa Dona Paula, irmã de Dom Pedro II.
- 9 Tanto quando as partituras, as poucas notícias que restam sobre a impressão de música na capital do Império durante esta década "inicial" (1824-1834) nos dão conta de que, até o surgimento da oficina de Pierre Laforge, as experiências com gravação de música foram, de fato, esporádicas. A título de exemplificação, citemos quatro notas que o *Jornal do comércio* publicou em um espaço de três anos. A 12 de setembro de 1831, saía à luz "O Girassol, modinha brasileira à imitação de cavatina com acompanhamento de pianoforte ou de viola francesa". Já, a 9 de abril de 1832, o mesmo diário nos informa do surgimento da partitura de um hino de Francisco Manuel da Silva, muito provavelmente aquele que, mais tarde, ficaria conhecido como o *Hino nacional brasileiro*: "Saiu à luz litografado o hino para canto e piano por F. M. da Silva, que foi cantado no dia 7 de abril no começo do divertimento dado pela Sociedade Defensora..." Quase um ano se passou para que voltasse a aparecer, no *Jornal do comércio*, notícia sobre a publicação de solfas. Desta vez, ao preço de mil réis, saíam à luz duas "valsas novas" e o arranjo de um "Lundu Brasileiro", obras de autoria do professor de música e de piano, Maurício Doellinger (*JORNAL DO COMÉRCIO*, 06/03/1833). Alguns meses depois, surgiam, impressas, "muito bem litografadas", ao preço de 640 réis, "3 grandes valsas de Beethoven para pianoforte, as únicas da composição deste célebre compositor", além de um "hino dedicado ao Sr. D. Pedro II na sua menoridade, composição de João Francisco Leal" (*Idem*, 27/06/1833). Não se tem notícia de que algum exemplar dessas partituras tenha sido encontrado até hoje.
- 10 Pierre Laforge, oboista natural de Perpignan, França, chegou ao Rio de Janeiro em 1817, onde logo passou a integrar a Câmara e Capela de Dom João VI. Na futura Capela Imperial, ele permaneceria até 1831, quando, dispensado juntamente com quase todos os músicos instrumentistas, passou a desenvolver novas atividades na cidade, entre as quais, sua "Imprensa de Música", fundada entre 1834 e 1835 (Cf. *BULLETIN de la Société agricole, scientifique et littéraire des Pyrénées-orientales*. Perpignan: Imprimerie de J.Comet, v.10, p.519, 1856).
- 11 Biblioteca Nacional, Divisão de Música, Império L-I-33 [16].
- 12 Tal *Catálogo*, que também integra o acervo da Divisão de Música da Biblioteca Nacional, listava, ao todo, 1584 itens, entre os quais, um sem-número de arranjos de Cramer, Czerny, Herz, Huenten, Wanhall, Adam e Diabelli; óperas de Bellini, Meyerbeer, Donizetti, Rossini, Mercadante, Auber, Mozart e Paër; mais de cinquenta danças de Johann Strauss (pai); e apenas algumas poucas obras de autores brasileiros ou portugueses aqui radicados: modinhas de João Mazziotti, Cândido Inácio da Silva, Francisco Manuel da Silva e Gabriel Fernandes da Trindade; hinos de Francisco Manuel da Silva e Simão Portugal; e valsas de Cândido Inácio da Silva.
- 13 Biblioteca José de Alencar, CLA/FL-UFRJ, OR 398.80981 C697.
- 14 *JORNAL DO COMÉRCIO*, 15/04/1840. Verificamos que um contemporâneo autor francês teria composto uma valsa de nome *Rosita*. Pode, pois, ser este o autor desconhecido: Louis Antoine Jullien (1812-1860).
- 15 Uma consulta recente ao Sistema de Documentação "Minerva" da UFRJ, não retornou nenhuma resposta à busca por partituras editadas na Casa de Pierre Laforge, pertencentes ao acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno.
- 16 Na historiografia geral do Brasil, a ideia de que o *Hino da Independência* surgiu logo após o "Grito" é, como mesmo escreveu LANGE (1985, v.5, p.380), uma "tradição". VARNHAGEN (1857, t.2, p.441), ainda que não explicitamente, foi dos primeiros a alimentá-la, ligando a composição do hino ao ano da Independência: "A 12 de outubro de 1822, dia aniversário do natalício de D. Pedro, foi ele proclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. O Hino nacional foi composto e oferecido à nação pelo mesmo Príncipe".
- 17 *REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1862, v.25, p.682). Tal manuscrito foi transcrito e publicado pela mesma *Revista* (1877, v.40, parte 2, p.55-57), a partir de um conjunto documental, doado, em 1862, ao Instituto; e pelos *Anais da Biblioteca Nacional* (1911, v.33, p.251), a partir de outra documentação manuscrita, adquirida pela Biblioteca, em 1878.
- 18 O *Hino constitucional*, composto por Dom Pedro a 31 de março de 1821 — para celebrar a Constituição que viria a ser elaborada pelas Cortes de Lisboa —, tinha, como primeiros versos, atribuídos ao próprio Príncipe Real: "Ó Pátria, ó Rei, ó Povo / ama a tua Religião / observa e guarda sempre / Divinal Constituição // Viva, viva, viva o Rei / Viva a Santa Religião! / Viva os lusos valorosos / Divinal Constituição!"; e passou, posteriormente, já no reinado de Dona Maria II, a ser conhecido como *Hino constitucional português* ou simplesmente *Hino português*, com os versos "Quanto ó Pedro generoso / te deve a lusa nação / por teu valor possuímos / liberal Constituição // Viva, viva, viva Pedro / viva a Santa Religião / viva Maria Segunda / liberal Constituição!".
- 19 Publicado a partir de 1881, quando surge a firma Bushmann & Guimarães, esta edição do *Hino da Independência do Brasil*, de Marcos Portugal, se acha tombada no IHGB (Coleção IHGB, Arq.Arm.01Prat.08). Há, no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional, outras edições do mesmo hino, todas elas com o mesmo título de *Hino da Independência*.

- 20 Eis o texto completo, em que tal "Hino imperial e constitucional" é tido como "de um estilo um pouco rossiniano", capaz de expressar uma "paixão fanática" e, provavelmente, "muito eficaz para excitar os sentimentos patrióticos": "Es ist bekannt, daß Don Pedro wirklich nicht allein ein sehr gebildeter Mann ist, sondern in manchen Künsten, z. B. in der Musik, sich auszeichnet. So sangen die Brasilier vor einigen Jahren die von ihm componirte constitutionnelle und imperielle Hymne: 'Ja podeis filhos da patria etc'. Die Composition sprach eine fanatische Leidenschaftlichkeit aus, und war sie nicht ganz originell und schmeckte etwas rossinisch, so konnte man sich wohl denken, daß sie zur Erregung patriotischer Gefühle sehr wirksam sein mußte" (BLÄTTER FÜR LITERARISCHE UNTERHALTUNG, 24/04/1832).
- 21 "Among the other patriotic songs which were that evening made to echo over the stillness of these woods and waters, was the national hymn, generally attributed to Don Pedro I, but said to have been actually composed by Evaristo Ferreira da Veiga, a distinguished patriot at the time of the revolution. Já podeis, filhos da patria, / Ver contente a mai gentil / Já raiou a liberdade, / No horizonte do Brazil..."
- 22 Note-se que este autor se sustenta em testemunhos como os de José Vieira Fazenda e Henrique César Muzzio.
- 23 Tradução nossa de: "Ces musiciens sont esclaves. Dom Pedro I^{er}, compositeur distingué, développa sans efforts leur intelligence musicale. Rarement, dit-on, son bâton de chef d'orchestre déviait de ses attributions pour leur faire mieux sentir l'intervalle qui sépare le dièse du bémol (...) Ils jouent l'hymne national, œuvre de leur maître, de façon à faire honneur à sa réputation d'éminent artiste".
- 24 "Don Pedro I^{er} cultivait les arts: le Brésil lui doit la musique très populaire de son hymne national".
- 25 Tradução nossa de: "... je vous joue l'hymne national composé par Sa Majesté Dom Pedro primeiro".
- 26 "Gegen 3 Uhr Nachmittag ftellte sich eine Menge Militär auf dem Schlossplatze auf, die Garden vertheilten sich auf den Gallerien und in der Kirche, und das Musikchor spielte schöne Melodien, darunter häusig die Volkshymne, die angeblich der letztverstorbene Kaiser, Peter I., komponirt hat".
- 27 "The vivas of the multitudes were tolerably loyal, and the spirited strains of the national air, caught, as the cortege approached, from band to band, stationed at various points on the route, quite spirit-stirring. The music of this air is a composition of Don Pedro I, who was a master in the science. It is one of the most animated, spirit-moving national airs I know — equal almost in this respect to the Marseillaise. The words of the anthem to which it is set are said to be also from the pen of his late Majesty; and, in the native language, are scarce less incisive than the tune, to emotions of patriotism and valor — Já podeis, filhos da patria..."
- 28 "The national anthem, 'Brava gente Brasileiros,' (sic) a fine piece of martial music, is generally performed by two or three limited hands, whilst the procession is in progress".
- 29 *REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1862, t.25, p.682).
- 30 Esta forma, diga-se de passagem, também aparece no manuscrito, já referido, tombado no IHGB.
- 31 Tal figuração – já presente em partituras de meados do século XIX, como é o caso do *Hino da Independência do Brasil composto por S. M. I. o Sr. D. Pedro I. Transcrição oferecida à Gazeta Musical* (~1860-1862, aqui consultado em terceira edição, de Sampaio Araújo Et C.^{ia} provavelmente da década de 1910, a partir de uma segunda edição de Arthur Napoleão, ~1870) – aparece ainda hoje em edições modernas, como a denominada *Hinos Pátrios: piano e canto* (São Paulo: Irmãos Vitale, 2002, p.11). Aproveite-se também esta nota para esclarecermos que, para todos os exemplos musicais seguintes, utilizamos o tom padrão de Mi bemol maior e clave de Sol na segunda linha. A partitura referida da Irmãos Vitale está meio tom abaixo, em Ré maior, e a partitura de 1830 utiliza a clave de Fá na quarta linha para o canto, de modo que foi necessário transpor vários dos exemplos, para uma melhor comparação.
- 32 *Idem*.
- 33 Para esse trecho, utilizamos, como base comparativa, a versão do *Hino da Independência* contida no álbum *Hinos e canções do Brasil*, de Avelino A. CORREA (1982, p.24-25), por crermos que a versão mais recente (VITALE, 2002) não corresponde ao uso comum de tal trecho. Note-se ainda que, assim como esta última partitura, a versão de Correa também está em Ré maior, de modo que tivemos de transpô-la para Mi bemol maior, a título de melhor compará-la ao texto de 1830, também transposto oitava acima e da clave de Fá na quarta linha para a clave de Sol na segunda linha.

Lino de Almeida Cardoso é Doutor em Ciências (História Social) pela Universidade de São Paulo, com pesquisa voltada à história da música e da sociedade no Brasil. Foi discípulo do compositor Osvaldo Lacerda, com quem estudou, durante cinco anos ininterruptos, matérias teóricas da música. Atua profissionalmente na área do jornalismo e da crítica musicais, tendo trabalhado no Canal 21 e Rádio Bandeirantes, Rádio Cultura FM (Fundação Padre Anchieta), *Jornal da tarde* (Grupo Estado) e *Revista Diapason*. Recentemente, desenvolveu pesquisa acadêmica, em estágio pós-doutoral, no Departamento de Música do Instituto de Artes da UNESP, sob a supervisão do Prof. Dr. Paulo Castagna e chancela da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). É autor do livro *O Som social: música, poder e sociedade no Brasil (Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX)*.